

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO, 1 DE NOVEMBRO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO	N.º 15	
	Trimestre.....	350 réis	Trimestre.....		600 réis
	Semestre.....	700	Semestre.....		1200
	Anno.....	1400	ESCRITORIO—RUA DA RAINHA N.º 95		Anno.....

EMILIO ACHILLES MONTEVERDE JUNIOR

O *Bombeiro Portuguez*, colloca hoje na sua galeria de benemeritos o retrato de Emilio Achilles Monteverde Junior, e curva-se respeitosamente, diante da bravura e da abnegação que distinguem este prestimosissimo individuo.

Para nós, que não raro somos accusados de indolentes, amigos do *dolce far niente*, incapazes de praticar uma acção generosa ou um feito alevantado, é immensamente grato apresentarmos á consideração e á veneração publica, estes rigidos caracteres, estas robustas organizações, fadadas para as luctas mais porfiadas e para os rasgos de maior dedicação; temos um vivissimo contentamento em apontarmos ao respeito geral, estes homens singulares, que fazem da sua existencia um apostolado de caridade e amor.

São tantos e tão assignalados os serviços que a humanidade deve a este cidadão prestantissimo, que não nos arriscaremos á censura de exagerados dizendo, que poucos como elle, terão direito á gratidão publica. E para que se veja o fundamento da nossa asseveração, passamos a enumerar os principaes feitos que o ennobrecem.

Em 1857, é condecorado com o habito de Santo Estanslau da Russia, pelos importantes serviços prestados a alguns officiaes e marinheiros d'aquelle paiz, n'um incendio manifestado na rua dos Retrozeiros, em Lisboa.

Os hollandezes concederam-lhe depois, uma medalha de prata, por salvar um tripulante da escuna neerlandeza *Henrica*, naufragada em 20 de novembro de 1861, em frente do arsenal do exercito.

Estando doente de cama, com uma hepatite aguda,—no dia 17 de setembro de 1860, em sua casa no Dafundo, e sabendo que se virára uma fragata no Tejo vendo-se de terra os tripulantes agarrados á borda, vestiu-se rapidamente, e saltando para o seu bote acompanhado de mais cinco homens, dirigiu-se, á força de remos, para a fragata, conseguindo, com muito trabalho, por estar o mar agitadissimo, salvar os tripulantes, dos quaes um se achava mergulhado debaixo do castello de proa, onde o corajoso Monteverde o foi buscar quasi já sem vida!

O resultado da arriscada empreza causou delirante entusiasmo aos centenaes de pessoas que de terra, seguiam o pequenino bote salvador! E quando Monteverde atracou, cheio de fadiga, e encharcado de agua salgada, foi phreneticamente applaudido e abraçado, e victoriado como um benemerito, como um valente!

Em 26 de novembro de 1861, ateava-se fogo a bordo da galera americana *Corinthian*. Com o maior risco de vida, e auxiliado por mais tres homens, conseguiu Monteverde arrancar do meio das chammas um marinheiro quasi asphixiado! Por estes serviços foi Monteverde elogiado em officio dirigido por Francisco A. Cardoso, director

do arsenal da marinha, ao director da alfandega, onde aquelle benemerito é empregado. Esse officio dá conhecimento da maneira digna com que se distinguio n'aquella fatal occorrenca o empregado *Emilio Achilles Monteverde Junior* na applicação dos meios que se entendeu pôr em pratica, por isso que se tornou digno do maior elogio — Ainda por estes importantes serviços, e por outros já prestados, foi o nosso biographado agraciado em 21 de fevereiro de 1862, com a medalha de prata, creada por sua magestade a rainha a sr.ª D. Maria II, para premiar os actos de valor, generosidade e philantropia.



Em maio de 1863, declarava-se um pavoroso incendio nos armazens dos srs. Cavruthers & C.^o, na rua dos Capellistas; tantos e tão valiosos foram os serviços prestados por este dedicadissimo cidadão, que a auctoridade administrativa, d'elle escreveu — que o seu procedimento foi nobre, e a sua abnegação e coragem sem limites.

Salvou, por duas vezes da morte n'um incendio em Algés, o sr. Eduardo Augusto Pedrozo, na noite de 17 de novembro de 1864, expondo a vida com tal coragem e valentia que recebeu alguns ferimentos e contusões que o obrigaram a permanecer de cama.

No incendio dos Paços do Concelho e Banco de Portugal trabalhou e dirigiu o pessoal das machinas de incendios da alfandega, nas condições as mais arriscadas e temerarias, durante oito horas consecutivas; e segundo um documento passado espontaneamente pelo vereador do pelouro dos incendios, consta que á sua demasiada coragem, abnegação e actividade se deve não ter o fogo penetrado na casa forte do Banco, por isso que não consentiu que a bomba grande da alfandega, unica que ao tempo havia de tanta força, se desviasse d'aquelle local, do que resultou serem as abobodas constantemente refrescadas, não lhes fazendo dano algum o enorme brazido que tinham em cima, e que a pouco e pouco foi extincto.

No fogo dos armazens da alfandega no Jardim do Tabaco na madrugada do dia 11 de agosto de 1868, ia sendo victima da sua dedicação; porque, achando-se no terraço onde se ia collocar uma bomba para apagar o fogo que já se havia communicado aos caixilhos e portas de um dos referidos armazens, succedeu dar-se n'esse momento a explosão de grande numero de cascos com aguardente, chegando as chammas a envolvê-lo de improviso. A' sua serenidade de animo deveu o escapar á morte, atirando-se do terraço para a rua, de uma altura superior á dos mais altos primeiros andares.

Na noite de 13 de junho de 1872, no incendio do predio que faz esquina da rua dos Capellistas para a rua da Prata, salvou d'uma morte quasi certa o sr. conselheiro Fontes Pereira de Mello e o sr. barão de Mendonça, detendo-os no momento em que uma mansarda, desabando, se fez em pedaços na rua.

Ultimamente conseguiu evitar a perda total do brigue inglez *Alexandra*, que encalhou nos rochedos de Banatica, tomando a direcção dos trabalhos. A uma hora da noite e ao fim de nove horas de trabalho, era aquelle navio rebocado para o norte do Tejo sem avaria importante e sem haver desastre algum a lamentar.

São estes os factos que enobrecem a glorificam Emilio Monteverde. Deante d'essa lista de feitos nobilissimos, digam todos se aquella alma não é a de um gigante, e aquelle coração o coração d'um semi-deus.

As medalhas que brilham no peito da sua farda, ganhou-as elle n'estes rudes combates de homem contra a natureza; não as mereceu pelo prestigio de nascimento, alcançou-as defendendo a vida dos seus irmãos.

Ultimamente, Emilio Monteverde fez uma descoberta notabilissima.

É um aparelho salva-vidas.

Consiste n'um casaco curto que o sujeito veste, tornando-se logo fluctuante.

Já se fizeram diferentes experiencias! A uma d'ellas, no forte das Maias, proximo de Oeiras, assistiram muitos representantes da imprensa. O illustre escriptor, o sr. Ramalho Ortigão, foi um dos que vestiu o mila-

groso casaco e se lançou ao mar. Ficou boiando, perpendicularmente, estando immerso só até á cinta.

No arsenal da marinha, entre as diferentes experiencias a que procederam os peritos, fez-se esta: enrolou-se o casaco salva-vidas, e ataram-se-lhe quinze kilogrammas de ferro.

Lançado ao mar, ficou boiando, apesar do casaco estar já roto, em vista das mil judiarias que lhe fizeram!

D'este notabilissimo invento vae Emilio Monteverde tirar privilegio de invenção, e crê poder vender cada aparelho por um preço insignificante, depois de fabricados em larga escala.

Das suas qualidades como empregado fiscal, dos seus serviços nas diferentes commissões que tem desempenhado, principalmente a que está exercendo, de chefe da delegação da alfandega do Lazareto, fallam bem alto as repetidas portarias de louvor, e os officios laudatorios dos seus chefes.

E' esta a biographia do homem cujo retrato collocamos na nossa galeria de valentes. Sentimos uma intima satisfação em prestar este tributo, modesto, mas expontaneo, de reconhecimento e gratidão a quem tem malbarateado a vida para salvar a dos seus semelhantes.

Que estes exemplos encontrem seguidores e muito lucrará a humanidade.

Os Extinctores

(Continuado do n.º 9)

Como se sabe, o gaz acido carbonico é fatal para o organismo animal. Eis porque o *Aniquilador de Phillips*, machina parecida com a nossa, quanto á forma exterior, teve mau exito, pois que produzia um volume prodigioso do gaz acido carbonico no seu estado natural, apagando assim o fogo, mas tornando-se ao mesmo tempo um grande perigo para as pessoas que a empregavam. Casos houve em que lhes causou a morte.

O *Aniquilador* continha no fundo uma camada de carbonato de cal, sobre o qual, como no nosso *extincto*, se quebrava uma garrafa de acido sulphurico, que em contacto com o carbonato, produzia uma quantidade enorme de gaz acido carbonico puro, que, enchendo o espaço tão rapidamente obrigava a retirar preceptadamente as pessoas presentes.

Os resultados d'esta machina não deixavam de ser satisfactorios, mas depressa foi desprezada attento o grande perigo a que o operador se tinha de expôr.

O *Extincto* *Dick*, differe completamente do *Aniquilador*. Naquelle o gaz acido carbonico é expellido pela machina juntamente com a agua sobre o fogo. D'este modo a agua saturada junta a sua força extinguidora á do gaz, tirando-lhe todo o seu perigo, porque é unicamente quando ella attinge as chammas, que o gaz acido carbonico emana, livrando de oxigeno a atmospheria e apagando assim instantaneamente o fogo.

Esta substituição do oxigenio pelo gaz acido carbonico é indisputavel; a densidade d'este ultimo é muito maior do que a do ar, tendendo por conseguinte sempre a descer e deixando assim o operador livre do perigo.

Como prova do que acabamos de dizer, ha cerca

de 7 annos que a companhia do caminho de ferro de Liverpool e Yorkshire pôz em acção, com o melhor exito, 26 *extinctores de Dick* n'um incendio que se manifestou nos seus armazens. As cargas para os extinctores foram de certo numerosas, mas ninguem se resentiu do resultado d'ellas.

Ainda mais: em setembro de 1873, n'um grande incendio nas minas do carvão e ferro de Wigan, Inglaterra, durante cinco dias, 12 *Extinctores de Dick* e 250 cargas foram empregadas nas estreitas galerias, onde se conseguiu dominar o fogo sem que a saúde ou a vida de um só individuo se achasse por um só momento em perigo. O director das minas, attestou que a camada do gaz acido carbonico, que se achava sobre o solo logo após o incendio, tinha mais de tres pollegadas de espessura.

Temos assistido n'esta cidade a muitos incendios em que os prejuizos cauçados pela agua e pela força com que ella é expellida pelas machinas se tornam consideraveis. Não ha muito que tivemos uma prova bem evidente do que acabamos de expôr, no incendio que de noute se manifestou na tabacaria do sr. Gonçalo Maria Alves, á Praça de D. Pedro. O estabelecimento achava-se já fechado quando o fogo teve principio em uma porção de caixas de phosphoros que se achavam em um armario logo acima do chão. O fumo dos phosphoros era naturalmente intensissimo e suffocante, tornando assim muito difficil o reconhecimento do foco do incendio. Trabalhou na extincção d'este incendio uma bomba que depois de expellir em valentes jorros, algumas pipas d'agua, extinguiu o incendio, mas quebrando tambem todos os vidros da loja e avariando totalmente toda a fazenda que n'ella se achava. Assim, foram avultados os prejuizos d'este pequeno incendio, quando nós, que fomos uma das primeiras pessoas que chegamos ao local e assistimos a todos os trabalhos d'extincção, temos a firme convicção que, se a primeira bomba que chegou e trabalhou, trouxesse, como hoje uzam na maior parte na Allemanha, um *Extincteur de Dick* e um respirador para poder arrastar com o fumo, o fogo teria sido dominado em poucos minutos, sendo os prejuizos apenas de algumas libras quando assim subiram a centenas de mil reis.

Poderiamos enumerar muitissimos outros casos identicos a este, porém limitar-nos-hemos a transcrever alguns attestados que os srs. Lipmann & C.^a de Glasgow, possuem e que provam bem evidentemente as enormes vantagens que gozam os possuidores dos *Extinctores de Dick*.

ATTESTADO DA CAMARÁ MUNICIPAL DE LISBOA

Carlos José Barreiros, inspector geral dos incendios, etc., etc.—Atteste que tendo assistido no dia 2 do corrente a uma experiencia que se effectuou no terreno do antigo Forte de S. Paulo (á Boa Vista) do aparelho denominado *Extincteur de Dick* e no dia 6 a outra do *Respirador Barton*, verifiquei que o primeiro d'estesapparehos é de toda a utilidade para extinguir um fogo que começa, sempre que esteja ao alcance de pessoa que saiba fazer opportunamente a precisa applicação, tornando-se portanto util a sua adopção não só para as casas particulares mas tambem, e muito principalmente, para as fabricas, depositos, officinas e outros pontos em que se pôde contar com a presenca de homens aptos para tornar efficaz um primeiro socorro.

Verifiquei tambem que com o *Respirador Barton*, pôde um homem supportar por quinze minutos o mais intenso e nocivo fumo sem soffrer o minimo incommodo, e estando em boas condições para trabalhar desembaraçadamente.

Lisboa, Inspecção geral dos incendios, 14 de março de 1876.

(Assignado) Carlos José Barreiros.

CARTA DE MR. ALFRED TOZER

DIRECTOR DO CORPO DE BOMBEIROS DE MANCHESTER

Incendio no Banco de Brooks

JACKSON ROW,
Manchester, 20 de outubro de 1869.

Meu caro sr.

Hontem á noite manifestou-se incendio no Banco dos srs. Cunliffes Brooks & C.^a, King Street.

Ordenei então a dois bombeiros que fizessem funcionar os *Extincteurs* que alli havia, e osapparehos corresponderam plenamente ás minhas esperanças: apagaram o fogo sem o auxilio das bombas ordinarias. Os *Extincteurs* são preciosissimos no principio de um incendio. Sou, etc.

(Assignado) Alfred Tozer.

FOGO VIOLENTO APAGADO PELO EXTINCTEUR

Londres, 3 Wilton Crescent,
27 de setembro de 1873.

Sinto grande prazer em informal-o de que o fogo que com tanta violencia se manifestou sabbado passado em 3, Wilton Crescent, foi apagado antes da chegada das bombas, com o auxilio de um dos seus *mata-fogos!* O fogo principiou n'uma chaminé defeitosa, pertencente á casa immediata, e queimou toda a parede da sala. Uma só machina foi empregada, pois o fumo era tão intenso que não foi possível ir buscar outra ao terceiro andar. A sala foi totalmente destruida; e se não fora o *Extincteur*, estou convencido de que nada teria impedido que ardesse o predio todo.—Creia que sou, etc.

(Assignado) Tomas Dundas, commandante.

FABRICA SALVA

DO «NORTH BRITISH DAILY MAIL» DE GLASGOW

Quinta feira, 17 de setembro de 1875.

Fogo EM LOCHWINNOCH.—Hontem ás cinco da manhã ardeu o interior e o tecto da casa da caldeira da nossa fabrica. O machinista, John Glen, deu promptamente a voz d'alarma, e alguns trabalhadores que moravam perto com o auxilio de um *Extincteur Dick* apagaram rapidamente o fogo, apesar do tecto ter já caído. Felizmente haviam largado o vapor, e as fornalhas tinham sido apagadas. Ouvimos que não estava no seguro, e que as perdas caíram totalmente sobre os srs. Crawford, Irmãos.

A. T. G.

RELATORIO

DOS ACTOS DA DIRECÇÃO DA REAL ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA «BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO» NO ANNO ECONOMICO DE 1880-1881, APRESENTADO NA ASSEMBLÉA GERAL ORDINARIA DE 27 DE OUTUBRO DE 1881.

(CONCLUSÃO)

Mappa n.º 1

Conta da Receita e Despesa desde 1 de Julho de 1880 até 7 de Março de 1881

RECEITA—Saldo existente em caixa em 1 de Julho de 1880	233\$765
Recebido por mensalidades como consta do livro caixa e respectivos taloes	906\$540
Idem por saldo da subscrição a favor da escada	33\$500
Idem por descontos nos ordenados dos serventes por conta do fardamento	3\$080
Idem offerta do Ex. ^{mo} Sr. Joaquim Antonio Gonçalves	90\$000
Idem de aluguer da loja e da cavallarica até 29 de Setembro p. p.	127\$000
Idem do producto liquido do espectáculo offerecido aos socios em 27 de Agosto de 1880	11\$510
Idem de emprestimo para a compra de novos capacetes	101\$500
	<u>1:506\$895</u>

DESPEZA—Pago por diversas contas, constando tudo dos respectivos documentos	232\$045
Idem ao Ex. ^{mo} Sr. Guilherme Gomes Fernandes por adiantamentos que fez a esta Associação	114\$280
Idem por contas á Companhia do Gaz	86\$800
Idem por salarios ao cobrador, quartelleiro, serventes e escripturario	267\$940
Idem a José Branco Soares Galliza, por aluguer de parelhas para a bomba e carro de material	349\$000
Idem ao Ex. ^{mo} Sr. Joaquim José de Souza Magalhães por adiantamentos feitos a esta Associação	217\$000
Idem por custo de novos capacetes	145\$000
Balanço—Dinheiro existente em caixa	94\$830
S. E. & O.	1:506\$895

Porto, 7 de Março de 1881.

Presidente, *Eduardo José Alves*. Vice-presidente, *Joaquim José de Souza Magalhães*. 1.º Secretario, *Augusto Leite da Silva Guimarães*. 2.º Secretario, *José da França Oliveira Pacheco*. Thesoureiro, *Alexandro Miller Fleming*. Commandante, *Guilherme Gomes Fernandes*. Fiscal, *Joaquim Antonio de Moura Socio*.

Mappa n.º 2.

Orçamento provavel da receita e despesa durante um anno, da secção de «Bombeiros Voluntarios do Porto», installada em S. João da Foz do Douro, sob a denominação de «Bomba n.º 2.»

RECEITA—Mensalidades de trinta associados	180\$000
Um espectáculo	200\$000
	380\$000
DESPEZA—6 serventes a 60 rs. diarios	129\$600
1 chaveiro	36\$000
Concertos de material	50\$400
Premios d'avisos d'incendio	10\$000
Aluguer de parelhas para transportar o material a grandes distancias	8\$000
Saldo a favor da Associação	146\$000
	380\$000

Mappa n.º 3.

Conta da Receita e Despesa do bazar de prendas do Palacio de Crystal

RECEITA—Productos do primeiro bazar em dinheiro	3:861\$300
Idem de vendas a liquidar	109\$040
Idem do segundo bazar em dinheiro	958\$760
	4:929\$100
DESPEZA—Por diversas contas relativas ao primeiro bazar conforme os documentos archivados	365\$100
Idem diversas contas relativas ao segundo bazar, conforme os documentos archivados	46\$310
Productos liquido do primeiro bazar	3:605\$240
Idem idem de segundo bazar	912\$450
	4:517\$690
	4:929\$100

Porto, 30 de Junho de 1891.

O 1.º Secretario, *Luiz da Terra Pereira Vianna*.

Mappa n.º 4.

Balanço geral em 8 de Março de 1881

ACTIVO— <i>Movéis</i> : Pelos existentes n'esta data	1:777\$960
Material d'incendios: Idem, idem	2:673\$405
Caixa: Pelo saldo existente	94\$830
Contribuições de socios: Pelas que faltam cobrar	353\$430
Devedores: Pelo saldo de diversas contas	268\$870
	5:168\$495
PASSIVO— <i>Crédores</i> : Pelo saldo de diversas contas	2:167\$380
Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto»: Pelo fundo da Associação n'esta data	3:001\$115
	5:168\$495

Porto, 8 de Março de 1881.

O 1.º Secretario, *Luiz da Terra Pereira Vianna*.

Mappa n.º 5.

Balanço geral em 30 de Junho de 1881

ACTIVO— <i>Movéis</i> : Pelos existentes n'esta data	1:813\$280
Material d'incendios: Idem, idem	2:662\$230
Caixa: Pelo saldo existente	2:231\$070
Contribuições de socios: Pelas que faltam cobrar	366\$980
Devedores: Pelo saldo de diversas contas	415\$200
	7:488\$760
PASSIVO—Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto»: Pelo fundo da Associação em 8 de Março de 1881	3:001\$115
Saldo da receita n'esta data	4:487\$645
	7:488\$760

Porto, 30 de Junho de 1881.

Presidente, *Eduardo José Alves*. Vice-presidente, *Joaquim José de Souza Magalhães*. 1.º Secretario, *Luiz da Terra Pereira Vianna*. 2.º Secretario, *Bernardo Gonçalves*. Thesoureiro, *Antonio Manoel da Costa Maia e Silva Junior*. Commandante, *Guilherme Gomes Fernandes*. Fiscal, *Joaquim Antonio de Moura Socio*.

Mappa n.º 6.

Conta da Receita e Despesa desde 8 de Março a 30 de Junho de 1881

RECEITA—Importancia das contribuições dos socios vencidas desde 8 de Março a 30 de Junho de 1881	973\$500
Productos recebido do Bazar de prendas no Palacio de Crystal	4:408\$650
Productos a receber da Commissão do Bazar de Prendas no Palacio de Crystal	109\$040
	4:517\$690
Lucro havido na venda de material d'incendios	7\$315
Abatimento a beneficio da Associação feito por Antonio Luiz da Encarnação & Filho, n'uma conta	33\$595
Desistencia a beneficio da Associação feita pelo Ex. ^{mo} Sr. Visconde da Silva Monteiro do saldo de sua conta	10\$000
Importancia de multas applicadas a empregados da Associação	5\$860
	5:542\$460

DESPEZA--Pago por despesas feitas	988\$685	
Despesas deduzidas no debito dos ser- ventes da Associação	23\$680	962\$315
Recibos de contribuições julgadas incobráveis		91\$500
Prejuizo havido na venda de 28 capacetes		1\$000
Saldo que passa a augmento do fundo da Asso- ciação	4:487\$645	
		5:542\$460

Porto, 30 de Junho de 1881.

O 1.º Secretario, *Luiz da Terra Pereira Vianna.*

Mappa n.º 7.

Movimento da Caiza desde 8 de Março a 30 de Junho de 1881

DEBITO—Saldo existente em 8 de Março de 1881	94\$830
Recebido de contribuições dos socios	868\$450
Idem por venda de material de incendios	99\$085
Idem por lucros hayidos na venda do mesmo mate- rial	7\$315
Idem de diversos devedores	39\$450
Idem por conta do producto do Bazar de prendas	4:408\$650
	5:517\$780

Saldo existente nova conta 2:231\$070

CREDITO—Pago a diversos crédores	2:123\$785
Idem por despesas feitas	988\$685
Idem por compra e concertos de material de incen- dios	89\$410
Idem por abono de fardamentos	99\$510
Idem por compra de moveis	35\$320
Saldo existente que passa a conta nova	2:231\$070
	5:517\$780

Porto, 30 de Junho de 1881.

O Thesoureiro, *Antonio Manoel da Costa Maia e Silva Junior.*

Mappa n.º 8.

*Movimento da conta de «Contribuições de Socios»
desde 8 de Março a 30 de Junho de 1881.*

	DEBITO	CREDITO
Pelos recibos que faltavam cobrar em 8 de Março de 1881	353\$430	
Idem das contribuições vencidas até 30 de Junho de 1881	973\$500	
Idem cobradas		868\$450
Idem de contribuições julgadas incobrá- veis e archivadas na secretaria		91\$500
Idem existentes de contribuições a co- brar		366\$980
	1:326\$930	1:326\$930

Mappa n.º 9.

*Movimento do «Material de Incendios» de 8 de Março
a 30 de Junho de 1881*

	DEBITO	CREDITO
Existencia de material em 8 de Março de 1881	2:673\$405	
Material comprado a dinheiro	89\$410	
Idem vendido a dinheiro		99\$085
Idem vendido a credito a Antonio José d'Abreu Guimarães		\$500
Prejuizo havido na venda de 28 capace- cetes		1\$000
Material que fica existindo	2:662\$320	
	2:762\$815	2:762\$815

Porto, 30 de Junho de 1881.

O 1.º Secretario, *Luiz da Terra Pereira Vianna.*

Parecer do conselho fiscal

Senhores:—O conselho fiscal, em cumprimento da disposição dos nossos estatutos e em desempenho do mandato que lhe confiaes, tem a honra de submeter á vossa esclarecida intelligencia, a apreciação do seu parecer sobre o relatório e contas da direcção, por ella apresentadas, como passa a expôr-vos.

Contas.—Examinando minuciosamente a escripturação e mais documentos relativos á gerencia de 7 de março, data em que nos foi conferido o mandato, a 30 de junho do corrente anno, temos a satisfação de vos annunciar, que as contas apresentadas pela nossa illustre direcção merecem a vossa approvação.

Despezas.—Como vereis pelos mappas n.ºs 4 a 6 a nossa receita continua a ser deficiente para acudir aos elevados encargos da nossa Associação, como bem avisadamente diz a illustre direcção no seu relatório.

Nós não podemos estar indefinidamente á mercê d'uma receita eventual: urge tomar providencias afim de que possamos contar com uma receita effectiva para se poder equilibrar com a despeza. E' preciso, pois, crear receita propria, e portanto o vosso conselho fiscal é de parecer, que se se nomeie uma commissão, que trate de angariar novos socios protectores até ao numero preciso para alcançarmos o nosso objectivo. O conselho fiscal vendo um resultado tão importante para esta Associação, como foi o producto do bazar de prendas no Palacio de Crystal, vê que grande parte d'esta verba foi absorvida em pagamento de dividas que esta Associação tinha contrahido, bem como em varios melhoramentos de que tanto se carecia; no entretanto o conselho fiscal lembra a maxima economia em todas as despezas, que não sejam de absoluta necessidade.

Regulamento interno.—E' da maior urgencia a organisação do regulamento interno. A este respeito juntamos os nossos votos aos da illustre direcção e esperamos que será feito o mais breve possivel.

Ambulancia medica e bibliotheca.—Será muito digna de louvor a direcção que levar a cabo a organisação d'estes dois importantes melhoramentos; porém os nossos limitados recursos não nos permittem crear novos encargos, e portanto, parece-nos avisado aconselhar que primeiramente cuidemos de crear receita para aquelles que já nos assoberbam.

Secção na Foz.—A criação d'esta secção foi um melhoramento de reconhecida importancia e que merece os nossos louvores. Apesar da sua limitada despeza, como vereis do mappa n.º 8 e das probabilidades d'uma receita superior, mas eventual, os já elevados gastos da nossa Associação levam-nos a pedir a maxima economia para esta secção.

Material.—Parece-nos conveniente que se fixasse uma percentagem de 10 p. c. annual, a deduzir, para a deterioração do material, embora elle tenha soffrido já alguma deducção.

Bazar de prendas no Palacio de Crystal.—O conselho fiscal vendo o excellent resultado d'este empreendimento, como podereis vêr pelo mappa n.º 3, entende ser dever seu elogiar a illustre commissão que tão incansavel e dedicada foi para conseguir um resultado tão satisfatorio, e pede para a illustre commissão um bem merecido voto de louvor.

Senhores:—O conselho fiscal não pôde deixar de associar-se á illustre direcção no voto de reconhecimento que ella no seu bem elaborado e esclarecido relatório, protesta a todos os dignos cavalheiros que nos auxiliaram com a sua valiosa cooperação.

Entende igualmente dever pedir-vos, como acto de justiça, um voto de louvor para a illustre direcção, que pela sua sabia administração e inexcédível empenho em realisar tão importantes melhoramentos, como é o telephone, assim como ao novo methodo d'escripturação claro e conciso ultimamente adoptado, que muito especialmente se deve ao ex.º secretario, Luiz da Terra Pereira Vianna, reforma esta, que o conselho fiscal entende indispensavel ser continuada por futuras direcções.

O nosso benemerito commandante, o ex.º sr. Guilherme Gomes Fernandes é digno do maior elogio pela sua provada co-

ragem, dedicação e pericia no desempenho do seu importante cargo e para elle pedimos um especialissimo voto de louvor.

Para o ex.^{mo} sr. Antonio Manoel da Costa Maia e Silva Junior, que tem sido incansavel no cumprimento dos deveres a seu cargo, como thesoureiro, pedimos um voto de bem merecido louvor, assim como para o nosso fiscal, o ex.^{mo} sr. Joaquim Antonio de Moura Soeiro.

Por ultimo, o conselho fiscal pedir-vos-ha ainda um voto de louvor para a illustre commissão da reforma dos nossos estatutos, pela maneira brilhante como levou a cabo a sua difficil missão.

Damos por concluido o nosso trabalho, esperando que a assemblea geral approvará o relatorio e contas, como entendemos ser de justiça.

Porto, 26 de setembro de 1881.—*Alexandre Miller Fleming, Augusto Pereira Barbedo Junior, Domingos Ribeiro de Freitas, Laurentino Proença, Leopoldo Cyrne.*

REAL ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

Reuniu-se no dia 27 do passado a assemblea geral ordinaria d'esta Associação e não no dia 25 como por equivooco tinhamos noticiado.

O fim da reunião era como já dissemos, a discussão do relatorio e contas do exercicio de 1880-1881, do parecer do conselho fiscal que apreciava esse relatorio e contas e a eleição dos corpos gerentes para o futuro exercicio.

Presidiu o sr. José Teixeira da Silva Braga Junior servindo de secretarios os srs. Bernardo Gonçalves e Eduardo d'Abreu Gonçalves.

Foram approvados unanimemente os documentos apresentados á sancção da assemblea geral.

Para os cargos da associação apresentaram-se duas listas ambas compostas de cavalheiros dignissimos sendo a eleição vivamente disputada.

Transcrevemos a parte da acta que diz respeito ao acto eleitoral e cuja vista nos foi obsequiosamente facultada pelo digno secretario da assemblea geral, o sr. Eduardo d'Abreu Gonçalves:

«Tendo terminada a discussão do relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal, o sr. presidente convidou os srs. associados da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto a munirem-se de listas para a eleição dos differentes cargos da Assembleia Geral e Direcção, para o que ia interromper a sessão.

Dispensada a interrupção, foi constituida a meza eleitoral, sendo presidente o exc.^{mo} sr. José Teixeira da Silva Braga Junior, secretarios Bernardo Gonçalves e Eduardo d'Abreu Gonçalves e escrutinadores os exc.^{mos} sr. Alexandre Theodoro Glama e Luiz da Terra Pereira Vianna.

Feita a chamada dos socios, e como se apresentassem procurações de alguns associados ausentes, foi, finda a votação, consultada a assemblea, resolvendo-se, depois de algumas observações dos srs. Theotônio Augusto de Lima, Eduardo d'Abreu Gonçalves, Alexandre Theodoro Glama e Antonio Manoel da Costa Maia e Silva Junior que as procurações não podiam ser aceites.

Passando-se ao apuramento, reconheceu-se que tinham entrado na urna 168 listas, o que estava em conformidade com as descargas feitas, que accusavam igual numero de votantes, tendo os exc.^{mos} srs. José Tei-

xeira da Silva Braga Junior e Antonio Manoel da Costa Maia e Silva Junior declarado que se abstinham de votar, pedindo que se consignassem na acta estas declarações.

Resolvendo a meza que o apuramento das listas fosse feito por grupos de dez, conheceram-se que tinham obtido votação os seguintes associados:

Para presidente da assemblea geral—José Teixeira da Silva Braga Junior, com 163 votos.

Para vice-presidente—Alberto Borges de Castro, com 162 votos.

Para 1.^o secretario da Assembleia Geral—José Pinto Bartol, com 117 votos; Antonio Gonçalves da Silva Junior, com 43 votos, e Bernardo Gonçalves, com 1 voto.

Para 2.^o secretario da dita—Bernardo Gonçalves, com 119 votos; Lourenço de Magalhães, com 45 votos e João Pinto Bartol, com 1 voto.

PARA A DIRECÇÃO

Presidente—Manoel Vieira d'Andrade, com 117 votos; João Carlos Pereira da Silva Lessa, com 45 votos, Alexandre Theodoro Glama, com 2 votos, e Eduardo José Alves, com 1 voto.

Vice-presidente—Avelino Candido Pereira da Fonseca, com 117 votos; Alexandre Theodoro Glama, com 45 votos; Eduardo d'Abreu Gonçalves, com 1 voto, e Joaquim José de Souza Magalhães, com 1 voto.

Primeiro secretario—Luiz da Terra Pereira Vianna, com 119 votos, e Leopoldo Cyrne com 45 votos.

2.^o secretario—Eduardo d'Abreu Gonçalves, com 119 votos; Aloysio Augusto de Seabra, com 43 votos e Bernardo Gonçalves, com 1 voto.

Thesoureiro—Antonio Joaquim de Moraes, com 114 votos; Antonio Manoel da Costa Maia e Silva Junior, com 54 votos.

Supplente de thesoureiro—Germano Courrége, com 118 votos; Joaquim Ribeiro de Freitas, com 46 votos.

PARA O CONSELHO FISCAL

Effectivos—Leopoldo Cyrne, com 120 votos; José Francisco Pereira de Figueiredo, com 164 votos; Eduardo Leão da Costa, com 119 votos; Alexandre Miller Fleming, com 165 votos; Zulmiro Ferreira Campos, com 118 votos; Antonio Ignacio de Faria, com 45 votos; Domingos Ribeiro de Freitas, com 47 votos; João Pinto Bartol, com 45 votos; Augusto Pereira Barbedo Junior, com 1 voto; Laurentino Proença, com 1 voto; Arminio von Duellinger, com 1 voto.

Supplentes—Antonio Ignacio de Faria, com 117 votos; Joaquim Baptista da Cunha Coimbra, com 117 votos; Lourenço de Magalhães, com 117 votos; Eduardo Alves da Silveira, com 46 votos; Martim de Torres Velasquez, com 46 votos; João d'Almeida Brandão Guerra, com 45 votos.

Como se não apresentasse reclamação alguma contra o acto eleitoral o sr. presidente mandou proclamar os mais votados, findo o que, declarou encerrado o acto eleitoral, sendo as listas queimadas.

Porto e Assembleia Eleitoral da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, aos 27 de Outubro de 1881.»

Ficaram pois os corpos gerentes para o exercicio de 1881-1882 constituidos do seguinte modo:

ASSEMBLÉA GERAL.—Presidente, José Teixeira da

Silva Braga Junior; vice-presidente, Alberto Borges de Castro; 1.º secretario, João Pinto Bartol; 2.º secretario, Bernardo Gonçalves.

DIRECCÃO.—Presidente, Manoel Vieira d'Andrade; vice-presidente, Avelino Candido Pereira da Fonseca; 1.º secretario, Luiz da Terra Pereira Vianna; 2.º secretario, Eduardo d'Abreu Gonçalves; thesoureiro, Antonio Joaquim de Moraes; supplente de thesoureiro, Germano Courrège.

CONSELHO FISCAL.—Leopoldo Cyrne, José Francisco Pereira de Figueiredo, Eduardo Leão Costa, Alexandre Miller Fleming, Zulmiro Ferreira Campos.

SUPPLENTES DO CONSELHO FISCAL.—Antonio Ignacio de Faria, Joaquim Baptista da Cunha Coimbra, Lourenço de Magalhães.

Contra umas suppostas calumnias contra os cavalheiros que se empenhavam por uma das listas apresentadas, foi enviado para a meza um protesto que a assembléa regeitou por grande maioria.

Por proposta do associado o sr. Numa Jorge de Carvalho Malta, foi nomeado socio honorario o sr. Alexandre Theodoro Glama e por proposta do sr. Luiz da Terra Pereira Vianna, foi conferida igual distincção ao sr. visconde da Silva Monteiro um dos mais dedicados amigos da associação.

Foi approvado um voto de louvor á direcção que terminava o seu mandato e por proposta do associado o sr. Antonio Rodrigues da Cruz, foi tambem unanimemente approvado um voto de louvor e reconhecimento ao sr. presidente da assembléa geral pela imparcialidade com que se houve e pelo modo como dirigiu os trabalhos da assembléa.

A sessão que se abriu cerca das 7 horas da tarde, terminou depois da meia noite sendo esta assembléa a mais concorrida de quantas se tem feito n'aquella associação.

Em conformidade da determinação do estatuto procedeu-se tambem á eleição do fiscal e seu supplente, eleição que compete exclusivamente aos socios activos. Tendo entrado na urna trinta e duas listas obteve vinte e quatro votos o sr. Joaquim Antonio de Moura Soeiro para fiscal e vinte votos para supplente o sr. José Rodrigues Barrote.

CHEGADA

No comboio do correio do dia 28 do passado, chegou a esta cidade acompanhado de sua esposa, regressando da sua viagem ao estrangeiro, o nosso bom amigo e commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, o sr. Guilherme Gomes Fernandes.

Na *gare* do caminho de ferro viam-se além de todos os membros da corporação de que o sr. Fernandes é tão digno commandante, grande numero de amigos que ali foram mais uma vez testemunhar-lhe a sua sympathia e dedicação, acompanhando em cincoenta trens o nosso amigo á sua residencia.

A banda dos bombeiros voluntarios postada na *gare* executou á chegada do comboio o hymno da associação.

Folgamos de ver restituído á amizade e convivencia dos seus amigos o digno commandante dos bombeiros voluntarios do Porto.

EXPEDIENTE

Para podermos completar hoje a publicação do relatorio apresentado á assembléa geral ordinaria da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, somos forçados a retirar algumas secções do nosso periodico.

Chronica quinzenal

Entremos já no theatro.

No Principe Real exhibiu-se a tão fallada operacoma de Audran *A Mascotte*, em beneficio do actor Gama, um artista de talento e um cavalheiro distincto,

Ora, a *première* da *Mascotte*, era já de si um successo, que provocaria uma enchente; a circumstancia, porém, de ser o beneficio d'um artista estimado, e de estreiar-se uma nova actriz, concorreu tambem effizamente para que o publico concorresse ao theatro, em maior numero.

A concorrência, foi como se esperava, extraordinaria. Na sala, uma hora antes do espectáculo, espectadores mais previdentes marcaram cadeiras com os seus lenços brancos e os seus casacos d'abafar, vindo, depois, para os corredores, fumar muito tranquillamente o seu cigarro, sem se lembrarem de que outros espectadores, mais resolutos, não encontrando cadeira, retiravam os lenços e os casacos, installando-se muito socegadamente nos logares marcados.

Depois, imagine-se!

—E' muito atrevido; esse logar estava marcado, não viu?... Forte pouca vergonha...

—Adeus, amor! Antes de principiar o espectáculo não se podem marcar logares.

—Saia d'ahi... esse logar é meu...

—Schiu...

—Seja delicado, entende? Dê-me cá o lenço... ao menos!

—Peço desculpa... mas esse logar...

—Não quero saber... não havia de ficar de pé...

—Mas...

—Saude... eu paguei tambem o bilhete...

Na galeria:

—Chegue-se para lá, avie-se.

—Não cabe?... Pois meu amigo se não cabe... corte-os! Ora que tal está...

—Não se faça fino! Ande... vá...

Era isto pouco mais ou menos o que se ouvia na *première* da *Mascotte* até que a orchestra principiou a atacar as primeiras notas da *ouverture*. Depois fez-se silencio, cada qual lá se accommodou consoante pôde, preparando-se para ouvir uma peça de que os alvicaireiros contavam maravilhas.

Ao levantar o panno, o publico viu alguma coisa que o satisfiz; binoculos surgiram de todos os lados, assestando-se no scenario e no guarda-roupa, que apreciavam pela primeira vez.

Para não nos perdermos em detalhes minuciosos, diremos já que a nova opereta agradou extraordinariamente, graças ao modo correctissimo como está posta em scena. Os mais exigentes não podem desejar mais. A empreza deu-lhes um scenario magnifico, um guarda-roupa deslumbrante, uma orchestra excellente, e os ar-

tistas a quem a peça foi distribuída, esmeraram-se em representar os seus papeis de modo a darem todo o brilho e realce aos personagens de cuja reprodução foram encarregados.

Sommando tudo isto, o resultado é seguro — applausos sem conta, concorrência cada vez maior.

A *Mascotte* é uma opera comica deliciosa, ornada d'uma musica leve, despretenciosa, insinuante, pouco original, por vezes, mas d'uma vivacidade verdadeiramente franceza.

Disse um collega nosso que se um maestro portuguez subscresse aquella partitura seria alcunhado de plagiario, e teria immediatamente desfavor publico. Concordamos com esta opinião. A musica da *Mascotte* tirante alguns trechos muito originaes, como o *duo* do *glu-glu*, as coplas do enguiço, a canção do orango, e alguns coros, recorda muitas outras partituras de operas comicas.

O libretto da peça é d'uma bregeirice *canaille*. Supponha o leitor isto. A *mascotte* é a mulher que teve a rara virtude de fazer prosperar as pessoas em cuja companhia vive, mas essa prenda singularissima desaparece logo que a mulher perca a sua virgindade.

Imagina, tu leitor, que series de peripecias bregeiras, de scenas curiosas, de ditos cheios de malicia, de phrases, ambigüas, de *qui-pro-quos* interessantes! Aquillo é um esfuiziar continuo de chistes que provocam a gargalhada ao mais sizudo.

N'aquella lucta entre a sensualidade e a ventura, a sensualidade triumphou. Pippo, o namorado da *mascotte*, arrisca-se a tirar-lhe um *bouquet* do seio, apesar das prevenções que Rocco se exforça em fazer, bufando-lhe n'uma gaita a canção das *mascottes*. Perdido o dom da *mascotte*, a mulher não tirava o enguiço a ninguém, e ficava como todas as outras mulheres, sem virtude alguma superior que podesse desenguiçar a humanidade!

Aquelles dois espirituosissimos Chivot e Duru entrecem de tal modo as suas producções, semeam-lhe tantos episodios, que o espectador ri com satisfação, não se enfadando nunca de assistir áquelle desfile de coisas chistosas.

Para mostrar-se a influencia segura da *mascotte*, exhibe-se um principe *engalinhado*, a quem succediam sempre as coisas mais extraordinarias. Esse principe, chamado Lourenço, conseguindo apanhar a *mascotte* Bettina, perdeu todo o enguiço; um dia, porém, Bettina safou-se, e Lourenço, coitado, escorregou de tal modo, que foi deposto e surriado, sugeitando-se a tocar gaita de foles para não morrer de fome.

Já é zarano! Bem razão tem o enguiçado principe quando canta as seguintes coplas:

Eu sei que ha sugeitos,
que a toda a parte vão
dizer que os preconceitos
não passam d'illusão!

Mas ninguém creia n'isso,
não pense tal ninguém,
um 13 tem enguiço
um 12 já não tem.

Os presagios e sonhos
P'ra mim são bem medonhos
Pois são certos,—são muito mais
do que haver pardaes.

Qualquer pequeno nada
Me torna a vida má,
Ao ver tinta entornada
Ai! que terror me dá.

Ao ver no chão azeite,
De susto metto dó.
Não creiam que eu me deite
Sem dar no lenço um nó.

E quem é, pense bem,—haverá
Que exemplos não terá?...

O desempenho da *Mascotte* é muito correcto. Amelia Garraio (Bettina) diz com toda a intelligencia o seu papel de guardadora de perus, e canta com toda a correctção, os numeros de musica que lhe pertencem. No *duo* do *glu-glu*, a *sympathica* actriz é digna dos calorosos applausos com que o publico a saudou.

Thomasia Velloso creou um typo magnifico de principesinho aparvalhado, sustentando-o perfeitamente até ao fim da peça, o que não é muito facil.

Amelia dos Santos, a nova actriz que a empresa escripturou, teve uma estreia auspiciosa. Tem merecimento, presença *sympathica*, dicção correcta, voz fraca mas melodiosa. A novel actriz deve o successo da sua estreia ao maestro Alves Rente, porque se elle não intercalasse na partitura a formosissima *romanza* do 2.º acto, não tinha uma unica peça em que podesse ser applaudida.

Gama disse com muita graça o seu papel de principe enguiçado, e Firmino deu todo o relevo ao typo do vendeiro Rocco, um enguiçado tambem.

Foito pecca apenas por não ter uma voz doce e malleavel precisa para cantar a sua parte. Na parte comica diz perfeitamente.

Os restantes artistas assim como os coristas, completam satisfactoriamente a harmonia de *ensemble*.

O guarda roupa, de José Pinto dos Santos, é luxuoso, deslumbrante, e o publico procedeu muito bem, chamando-o ao proscenio. Lima apresentou um scenario magnifico, perfeitamente acabado.

O ensaiador, mais cuidadoso que no *Pompon*, affinou muito bem toda a peça, devendo-se a elle em grande parte, o successo da nova opereta.

Póde com affoiteza dizer-se que em theatros portuguezes nunca se apresentou, uma opera comica em scena, com tanto esplendor. Que o publico vá ao Principe Real, e que nos diga depois se somos exagerados.

Como dissemos a *première* da *Mascotte* deu-se em beneficio do actor Gama, que foi muito applaudido no decorrer da peça, e brindado no seu camarim, pelos seus collegas e amigos.

A *Mascotte* deve conservar-se muito tempo em scena, porque se acha rodeada dos predicados precisos para merecer o agrado do publico.

— Nas Variedades está em scena o *Fausto*, uma peça espectacular, que no antigo Circo deu bem bons lucros á empresa.

A companhia é regular, e a peça está rasoavelmente posta em scena.

— A companhia da actriz Emilia Adelaide chega proximamente a esta cidade, installando-se no theatro Baquet cujas obras se acham prestes a concluir-se.

F.